

RESGATE DA MEMÓRIA DO POVO INDÍGENA NAMBIQUARA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR DO MUNICÍPIO DE COMODORO MT¹

Cleonice Batista de Jesus²
cleonicebatista@hotmail.com

RESUMO: A presente pesquisa descreve o resgate da memória do povo Indígena Nambikuara e a sua contribuição quanto a formação histórica da cidade de Comodoro, estado de Mato Grosso, Brasil, para a sua inclusão na educação escolar do município. Os indígenas Nambikuara se encontram as margens da BR 146 / 364 na região que compreende os Estados de Mato Grosso e Rondônia sendo que a aldeia em análise fica nas proximidades da cidade de Comodoro MT. Esta pesquisa foi desenvolvida com a metodologia de uma pesquisa qualitativa exploratória, de tipo colaborativo, para conceber e implementar uma proposta pedagógica em contexto real com a participação do povo Nambikuara e dos colonizadores. A expectativa foi de nos fornecer informações de sua história e as influências recebidas no decorrer dos anos, as quais promoveram práticas responsáveis de valorização e respeito ao Ser e ao Pensar do povo Nambikuara. Os resultados obtidos e a sua inclusão no currículo das escolas do município contribuem para a valorização da memória desse povo, a preservação histórica educacional dos indígenas Nambikuara, e, além disso, valorizam a importância da educação intercultural para que seja proporcionada a troca de aprendizado e conhecimento entre a cultura nativa e as demais culturas que lhes sejam apresentadas.

ARTIGO BASEADO NA PRIMEIRA PARTE DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO penetração, das instalações dos futuros núcleos de povoamento, de agricultura e de pecuária. Promovendo a integração espontâneo e pacífica dos povos indígenas à sociedade brasileira. Os pontos extremos da linha telegráfica seriam ao leste Cuiabá já ligada ao Rio de Janeiro e ao oeste Santo Antônio do Alto Madeira.

1. OS PRIMEIROS COLONIZADORES ENTRE O MEDO E A ESPERANÇA

Neste texto, registraremos alguns relatos de membros ligados às primeiras famílias que vieram para Comodoro-MT, na década de sessenta, destacando as representações coletivas, que expressam a vida mental desse grupo social acerca da Colonização, enfatizando as práticas sociais que realizavam no espaço que hoje compõe a localidade.

Chegando aqui, foram bem recebidos pelos moradores, os índios sem saber que mais

¹ Artigo sendo parte parcial da Dissertação apresentada ao Comitê de Teses do Programa de Pós-graduação da Universidad del Norte, como requisito final para obtenção de título de Mestre em Ciências da Educação sob orientação do Professora Dr^a. Marta Canese e apresentado no I FIEVE- Fórum Internacional de Educação de Vilhena para fins de publicação na Revista Scientific Magazine.

² Mestre em Ciências da Educação Possui graduação em Lic. Plena em Pedag. Hab. Ad. Esc. Ens. Fund. e Médio pela Associação Vienense de Educação e Cultura Vilhena Rondônia (2005) e Doutoranda em Ciência da Educação (2010). Orientadora Educacional da Prefeitura Municipal de Vilhena. , atuando principalmente nos seguintes temas: formação, educação, diversidade, desafios e elaboração planos.

tarde parte do que era seu seria tomado sem nenhuma consulta se era isso mesmo que eles queriam. (...) *E ai fomos descobrir nossa propriedade que ficava no córrego Arara, Sardinha, perfazendo uma vasta extensão de pura mata.*

O nome Arara surgiu porque mataram uma arara nesse rio, surgindo o povoamento mineiro. Sardinha é um córrego que passa perto de um armazém, aonde os peões compravam sardinha e comida a beira do pequeno córrego.

Os relatos do medo, quase que intransponível é uma representação marcante do período em que os colonizadores aqui chegaram. Durante todo o ano, existia uma dificuldade para o acesso à localidade de Cuiabá e depois Vilhena, cidade a qual nossos filhos mais tarde teriam que ir para estudar.

Esse medo e também a representação de lugar isolado de todos e de tudo, é mais evidente no período das chuvas que, de acordo com algumas pessoas que habitaram a região a partir da década de sessenta e setenta, precisamente duravam seis meses, iniciando-se as chuvas geralmente no mês de setembro a outubro.

Na década de 1960, a população que chegava a Comodoro em sua maioria oriundas do estado de Minas Gerais e São Paulo. Vinham em busca de um pedaço de terra, em troca de trabalhos braçais. Um senhor procedente de Minas Gerais narra sua chegada a Comodoro em 1964, quando veio conhecer as terras, *tão bem divulgadas* em sua região:

(...) Chegamos aqui através de um pau-de-arara (caminhão Lonado), viemos em busca de melhoria de vida, demoramos muitos dias até chegarmos aqui, pois na época da seca até que a estrada era boa, mas na época da chuva ficava difícil transitar, e para prosseguir caminho ate chegar no local em que hoje é a Colônia dos Mineiros só se chegava por picadas, com um trabalho de abertura de muito trilhozinho feito de machados, foice e facão, Depois foi ampliando tirando os empecilhos começaram a entrar carros, porém com uma carga muito pequena.

Conforme vários relatos orais, em 1961 começaram a abertura da estrada que liga Comodoro a Cuiabá e a Vilhena no estado de Rondônia. Sua conclusão em 1962 foi em regime de mutirão. Esta estrada criou oportunidade para que vários migrantes pudessem ter acesso a as duas cidades mais próximas.

Os moradores da localidade que se iniciava trabalhavam em conjunto, todos com o mesmo adjetivo, para abrir a estrada. Os caminhos escolhidos eram aqueles de mais fácil acesso, principalmente com o predomínio de vegetação, como campo ou cerrado.

João André que é professor e filho do Senhor Geraldo, relata a forma rotineira de construção de estradas na década de sessenta, quando seus pais aqui chegaram:

[...] Eu me lembro, desde que entendi por gente, naquela época era garotinho, mas isso ficou vivo em minhas lembranças, meu pai e meus tios sempre contam quão difícil eram naquele tempo em que as *estradas eram feitas de machado e enxadão, pelo*

próprio punho dos pioneiros. Depois de aberta, mesmo não oferecendo boas condições de tráfego, algumas famílias seguiam a recente estrada, para continuar construindo sua história. Daqui para Cuiabá, nós utilizávamos caminhão toureiro, mas caminhão era muito difícil chegar a Cuiabá, muitas vezes era preciso ir a pé principalmente época de chuva. Caminhão com certa lotação não tinha condições de tráfego, muitas vezes era preciso descarregar embaixo e fazer o transporte por carros pequenos, ou meia carga, depois voltar para lá embaixo para acabar de transportar a carga para cima. As estradas eram péssimas e o transporte, em certas épocas do ano era impraticável.

A memória de alguns moradores produz representações deste percurso, principalmente com os registros que datam somente a chegada dos fundadores de Comodoro em 1986 e não relatam a trajetória destes colonizadores que desbravaram o que hoje formam a cidade, destacando o paradoxo, paredões do medo e platô da esperança.

A abertura da estrada e sua transposição passam a ser sinônimos de progresso para muitos moradores, com a abertura das estradas houve uma maior motivação destes colonos em continuar nessas terras. Pois a estrada seria a maior fonte de comunicação entre os estados.

[...] Com o passar dos anos Rondônia ficou muito falada, despertando nas pessoas de outros estados a curiosidade de conhecer Rondônia surgindo a cidade de Vilhena – RO. Antes de Rondônia ficar famosa não existia ônibus de Porto Velho a Cuiabá e sim Pau-de-arara. A população de Colônia dos mineiros tinha que optar por caminhões, jardineiras ou a caminhonete (do Tio Lili) Tiago Elias Fernandes ou carro de outras fazendas ou madeireiras para ir ate a beira da BR Velha pegar outros carros para seguir a viagem.

Algum tempo mais tarde, Rondônia ficou populosa e já começou existir ônibus de Porto Velho a Cuiabá, nessa época as famílias da Colônia era conduzida até um bar Chamado português, descendente de portugueses a 35 quilômetros da Colônia, que ficava próximo da BR Velha, aonde os ônibus paravam para as pessoas almoçarem e pegar mais passageiros com destino a Vilhena ou Cuiabá.

Em suas falas contam, que em época chuvosa era muito difícil transitar nas estradas levando muitos dias para ir até Cuiabá ou Vilhena, muitas vezes passando fome e sede.

Os Mineiros sempre foram trabalhadores, produziam suas roças com machados, enxadas, foices etc. Nesta época produziam arroz, feijão, milho, mandioca, amendoim e banana etc. Era difícil transportar, pois as estradas eram ruins, os produtos às vezes apodreciam em baixo das lonas. Às vezes para não ver seus produtos apodrecer construía enormes barracões para não ver seus produtos estragarem.

Quando as pessoas ficavam doentes em épocas de chuvas eram conduzidos em redes numa distância de seis quilômetros ou mais ate chegar aos carros, só então levariam a Vilhena. As crianças que nasceram na Colônia aos cuidados das parteiras que eram minhas tias ou minha linda vovó, pois não tinha hospital, as primeiras mulheres que vieram à colônia foram Aurora Rosa Fernandes, esposa do Tiago Elias e D. Santa, esposa do Srº. Geraldo.

Com a abertura de estradas chega também o progresso em contrapartida nossos irmãos

(os índios) que aqui já habitavam sofrem com as tomadas de seu habitat. Quando abriu a estrada, foi chegando os primeiros agricultores, vem tudo, um traz uma coisinha, outro traz outra.

Para quem escolheu Comodoro como chão adotivo, aqui vivendo e fazendo sua história, não é nada fácil falar ou escrever sobre este pedaço encantador de Mato Grosso, sem se deixar trair por uma profunda emoção.

De fato, já começamos a sentir uma sensação diferente, agradável quando adentramos seus limites através da estrada que liga Cuiabá, capital de Mato grosso a Porto Velho em Rondônia e conhecer os que aqui fundaram e eram donos nativos desta região “Os Nambikuaras” e encontramos um outro tipo de paisagem e imediatamente passamos a sentir no rosto o afago de uma brisa suave que nos indica um clima ameno, muito gostoso.

E à medida que mais nos aproximamos da memória deste povo e da já famosa cidade de Comodoro. A ansiedade aumenta, talvez por sentirmos a esta altura que estamos pisando realmente numa terra diferente, por sentirmos a sensação concreta que estamos numa terra promissora, dotada de algo milagroso que nos enche de otimismo e nos dá a certeza de estarmos numa terra onde o futuro é o mais promissor possível. Terra onde o não índio com o índio se faz presente em suas diferenças e nelas se fazendo irmãos.

Não encontramos nos noticiários registros de algumas representações do ambiente Comodorenses, naquela época enfatizando a “vida penosa” dos primeiros moradores, as dificuldades a que poderiam ter-se submetido, comparando com os aspectos tecnológicos atuais. Com certeza os registros seriam usados para destacar uma vida de dificuldade, enfrentada pelos primeiros moradores na década de 1960, como se os obstáculos e os problemas atuais fossem inexpressivos diante da vida passada.

Um fato importante relatado por João André, em que enfatiza como a vida de duas famílias, que sofreram as “amarguras” no tempo passado, os coloca como exemplos de “heroísmo” para a juventude do tempo presente:

Qual seria a idéia do Sr. Geraldo e de Dona Santa, sua esposa, meus pais que se casaram e adentraram as grandes matas verdes que faziam parte este território. E o que é notável é que Dona Santa e sua cunhada foram às primeiras mulheres que aqui chegaram e por coincidência uma fora a parteira da outra no nascimento de seus filhos. Pois naquela época era contar com a sorte e primeiramente Deus, que nos seus partos tudo dera certo. Esses sacrifícios devem ser considerados na história de Comodoro.

Os anos foram passando e hoje o sacrifício desses heróis anônimos, os que sobem pela

faixa, nem sonham, mas atualmente o que os olhos contemplam, quase que assustados, uma batalha diferente porque nos seus aspectos. O homem não sonhara que nos combates naturais que a vida lhe oferece, foram guerreando contra uma floresta milenária selvagem, rasgando picadas e abrindo as primeiras clareiras que passavam a serem prontas para receberem o progresso e a civilização dos aventureiros.

A representação do ambiente destacado como floresta selvagem, a espera do progresso são facilmente perceptíveis no documento acima. Além disto, o ambiente é caracterizado como aterrorizante dominado por ações de guerra, travada inicialmente pelos primeiros picadeiros. A pesquisa evidencia a vitória humana sobre a natureza, não registrando as respostas que o “ambiente selvagem” possa ter produzido neste ser humano que tenha enfrentado a diversidade deste “novo” ambiente.

Senhor Geraldo, relata-nos algumas das dificuldades que encontrou em Comodoro, quando aqui chegou em 1960:

[...] Os problemas daqui eram as dificuldades de transportes de comunicação. A comunicação aqui, os meios de transporte populares não existiam. Existia sim, aqui, uma tal de Marinete, misto de caminhão e jardineira, que ia, daqui até Cuiabá, mas ela nunca chegava em Cáceres, porque era dois ou três dias para ir. Uma semana, para ida e volta. Mas, ela ia daqui a Vilhena e em Vilhena já existia ônibus naquela época. Então o transporte era feito daqui para lá por este misto de caminhão e jardineira. Então, de Vilhena, o pessoal, os passageiros arrumavam outras conduções e iam para Cáceres, salvo aqueles que tinham caminhão e faziam o transporte daqui pra Cáceres e em cima da carga levava passageiros, mas, em cima da carga. Na intempérie, se chovia tinha que tomar chuva, quando era sol, poeira, tinha que ir em cima da carga de madeira ou de cereais, mas isso era raro. Serrarias daqui, que tinha caminhão naquela época eram do senhor Adão, só quando ele levava uma carga de madeira par a Cáceres, todo mundo ficava sabendo e aqueles que podiam ir em cima da carga iam até Cáceres. Na volta desse caminhão ele trazia o pessoal de lá para cá com aquela mercadoria necessária para o consumo aqui em Comodoro.

As dificuldades de sua transposição, de empecilho à comunicação e ao transporte, representam, para as primeiras famílias que adentraram a região na década de sessenta, local de referência, onde muitas lembranças do passado estão depositadas. E, para estas pessoas, relatar a oposição desta dificuldade primeira, mostrando a vida que edificaram na atual Comodoro, como vitória não só pessoal, mas no plano coletivo, é a construção do referencial da esperança.

Na busca dos significados da esperança, possibilidade que o historiador tem quando trabalha com fontes orais, por serem estas de caráter subjetivo, é que buscamos entender o paradoxo medo e esperança. O medo que impera é especialmente o do desconhecido, o de refazer a vida, mesmo que isso já tenha acontecido outras vezes. O medo é de elementos que povoam a mente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Inês de (org.). *Periferias: exercícios na fronteira do ensino*. Belo Horizonte: Ed. UFMG/CAPE, 1994.

_____ Educação Escolar Indígena em Minas Gerais. Belo Horizonte: SEEMG, abril de 1998.

COSTA, Ana Maria Ribeiro F.M. **Senhores da Memória, uma historia do Nambiquara do cerrado**. Unicen, Cuiabá, 2002.

_____ **Senhores da Memória: Uma história do Nambikuara do Cerrado**. Cuiabá: Unicen, 2002.

RIBEIRO, Berta. **Os índios das águas pretas**. Apud Introdução a *Antes o mundo não existia*. 2ª ed. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.